



A LINGUAGEM NO CENTRO DA FORMAÇÃO DO SUJEITO

Avanete Pereira Sousa¹
Darlene Silva Santos Santana²

INTRODUÇÃO

A natureza humana perpassa pelo campo da linguagem, quando é a partir da interação verbal que os interlocutores produzem sentido e constituem-se enquanto sujeitos, construindo leituras da vida e de sua própria realidade. É por meio da linguagem que o homem adquire a consciência da própria existência, tornando-se capaz de saber que sabe e, portanto, de agir sobre o meio, interagindo ativamente, intervindo e transformando-o de acordo com suas necessidades, ampliando, assim, sua atuação no mundo.

Nesse sentido, considera-se a linguagem como ponto crucial para a construção identitária do sujeito e, portanto, determinante nas ações de um sujeito inserido num tempo e espaço, na sua interação com o outro e consigo mesmo, na sua capacidade de construir sentidos e de se posicionar e atuar no meio em que vive.

O sujeito é apreendido a partir de sua constituição verbal (relação dialética), ou seja, resultado de um processo comunicativo onde a linguagem é vista como meio de interação do sujeito com o mundo. Por esse viés, delinea-se o objeto deste estudo: a constituição do sujeito a partir da linguagem, partindo da problemática de como a linguagem interfere na constituição do sujeito. Para responder tal questão, este estudo parte da revisão bibliográfica de teorias da Psicologia, Filosofia e Letras que tratam sobre o papel da linguagem na formação da subjetividade do indivíduo.

1 Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em História (USP). Professora Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Linguagem e Educação. Endereço eletrônico: avanete@uol.com.br

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Linguagem e Educação – UESB. Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Literatura – UNEB. Endereço eletrônico: darlensilva03@gmail.com



DESENVOLVIMENTO

Desde o início do processo de formação da identidade do sujeito, na primeira infância, a linguagem se faz presente demarcando os espaços simbólicos de Si mesmo e do Outro. É a partir da linguagem que os pais e/ou responsáveis pelo desenvolvimento da criança ditam as regras de convivência e de tratamento sociais. É por meio da linguagem que a criança constrói significados pelas coisas e pessoas que a rodeiam. As relações sociais não são produtos naturais, emanadas da natureza física, mas surgem simbolicamente no decorrer da história. Assim, mãe, pai, irmãos, parentes, amigos, etc. vão adquirindo significado no decorrer do desenvolvimento do sujeito, e não surgem instantaneamente no espaço físico-natural de nossa existência.

Tratando-se da constituição do sujeito a partir da Interação Verbal, Bakhtin (2004) afirma que “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (p. 113). É a partir da interação verbal que o sujeito se constitui como tal; as trocas de experiências, os conselhos, as ordens, as explicações, vão fornecendo bases para ações futuras.

Compreendendo “‘Outro’ um lugar semiótico ocupado pelos inúmeros parceiros das relações sociais” (PINO, 2005, p. 37), é por meio deste que o indivíduo vai estabelecendo sua rede de significado no mundo cultural, construindo sua subjetividade em relação à sua rede de contatos, envolvido no “discurso intersubjetivo”, como afirma João Carlos Nogueira (1978, p. 23):

A existência do sujeito, no seio do mundo, desdobra-se num discurso que, ao *dizer* o sentido das coisas, ordena-se simultaneamente ao outro. Há nela um dúplice e indivisível enraizamento: no mundo e na intersubjetividade. Por isso estamos de tal maneira envolvidos no *discurso intersubjetivo* que a nossa verdade, verdade do nosso ser em busca da sua realização, nasce nele, nele se esconde e nele também transparece.

Sendo no discurso intersubjetivo que a “nossa verdade” emana e se constrói, é também a partir do outro que nos tornamos capazes, além de saber que sabe, de saber agir, de identificar-se como sujeito capaz de ação e intervenção em seu espaço de convívio, conforme afirma Paul Ricoeur (2006, p. 85):

Longo é o caminho para o homem que “age e sofre” até o reconhecimento



daquilo que ele é em verdade, um homem “capaz” de certas realizações. Esse reconhecimento de si ainda requer em cada etapa, a ajuda de outrem, quando falta esse reconhecimento mútuo, plenamente recíproco, que fará de cada um dos parceiros um ser-reconhecido.

Esse reconhecimento de ser capaz de ação permeia consciência de si do sujeito. Consciência intermediada pela linguagem a partir da capacidade cognitiva de designação e de construção de significados e sentidos. Lahure, citando Bouveresse (1987, p. 222-223), diz que “A linguagem na qual comunicamos é igualmente a linguagem na qual pensamos, que pensamos numa certa medida com palavras, e muitas vezes nas mesmas palavras das quais nos servimos para comunicar os nossos pensamentos”. Sendo assim, não se pode falar de um discurso ou em ação que não emana da consciência do indivíduo. Não há manifestação em palavras daquilo que não permeia o pensamento daquele que diz.

Para Bakhtin (2004, p. 41), “se os limites do que pode ser conhecido coincidem com os limites do que pode ser pensado, eles coincidem também com os limites do que pode ser expresso proposicionalmente” e ainda: “Não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (p. 118). Ou seja, os pensamentos estão ligados àquilo que se tem conhecimento, às coisas reais que permeiam a vivência. Não se pode transcender ao pensamento àquilo que ainda não foi conhecido e, não se pode expressar linguisticamente, de forma consciente, aquilo que não foi transcendido ao campo psíquico, à cognição. Os limites do discurso provêm dos limites dos pensamentos e daquilo que se conhece, daquilo que se tem domínio discursivo para expressar.

Em se tratando da externalização do conhecimento e da troca de saberes que a linguagem proporciona e, portanto, da Linguagem como meio de interação do sujeito com o mundo e a construção do conhecimento a partir da Interação Social, Ricoeur (2005, p. 34) diz que

A própria linguagem é o processo pelo qual a experiência privada se faz pública. A linguagem é a exteriorização graças à qual uma impressão é transcendida e se torna uma expressão ou, por outras palavras, a transformação do psíquico em noético. A exteriorização e a comunicabilidade são uma só e mesma coisa, porque nada mais são do que a elevação de uma parte da nossa vida ao logos do discurso.

A partir da linguagem, aquilo que é pessoal pode ser socializado, apresentado ao mundo. As concepções formadas a partir de várias leituras e das vivências são compartilhadas com os outros; a significação das experiências e o conhecimento são



compartilhados e a troca de saberes se torna possível. Nesse sentido, é na interação social proveniente da interação verbal que o sujeito se faz, se desfaz e refaz, se conscientiza, se questiona, se permite. Ao ser humano cabe a interação racional com o outro; racional porque é construída conscientemente a partir da linguagem.

As palavras de Wittgenstein (2001, p. 245, item 5.6) “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo” concordam que o sujeito só pode expor à linguagem aquilo que se conhece, que se teve contato, e também enfatiza a necessidade da linguagem para a construção de seu mundo, a possibilidade de intervenção e de interação com sua própria realidade. Até aqui, compreende-se que nada se faz sem a linguagem, e nada se constitui sem a mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessas considerações compreende-se que é por meio da linguagem que a subjetividade do indivíduo está sendo construída, em um processo longo e paulatino, através das interações sociais e da percepção de si mesmo como ser capaz de agir e de comunicar-se, transformando o meio em que vive a si mesmo.

A natureza subjetiva do ser humano não se dá no momento estante do seu nascimento, mas vai se constituindo em um “*universo semiótico* em que todas as coisas adquirem *significação*” (PINO, 2005, p. 38). É por meio da linguagem e da compreensão simbólica das relações sociais que a consciência do sujeito de si mesmo se configura.

Palavras-chave: Linguagem. Subjetividade. Constituição do sujeito.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11^a ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. Trad.



Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LAHURE, Bernard. **O Homem Plural**: as molas da acção. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

NOGUEIRA, Joao Carlos. **O inconsciente e a linguagem na compreensão do homem**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. Trad. Nicolás N. Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2005.

VYGOTSKI. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. Trad. Luiz H. Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 2001.